

MEMÓRIAS COLETIVAS E SUBJETIVAS NO LIVRO ILUSTRADO *CAMINO A CASA*

COLLECTIVE AND SUBJECTIVE MEMORIES IN THE
ILLUSTRATED BOOK *CAMINO A CASA*

Mariana Cortez

Mestre em Semiótica e Linguística Geral (2001) pela Universidade de São Paulo. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2008). Realizou estágio pós-doutoral em Educação na Universidade Estadual Paulista (UNESP - Presidente Prudente). Docente na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) na área Letras/Linguística na graduação e do mestrado em Literatura Comparada (PPGLC).

E-mail: macortez74@hotmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2257-557X>

Viviana Talia Aprigio

Graduada em Letras - Espanhol e Português como língua estrangeira pela Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) em Foz do Iguaçu - Paraná. Mestranda em Literatura Comparada na Universidade Federal da Integração Latino-americana.

E-mail: vta.amaro.2017@aluno.unila.edu.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6925-3124>

RESUMO: Este artigo investiga como as tragédias resultantes do conflito armado colombiano são representadas pelos autores Jairo Buitrago e Rafael Yockteng no livro ilustrado infantil *Camino a casa* (2008). Inicialmente, o estudo apresenta os conceitos de memória coletiva, segundo Maurice Halbwachs (1990), e de infância e trauma, com base em Walter Benjamin (1940), delineando o arcabouço teórico utilizado. Em seguida, realiza-se uma descrição da obra, destacando como texto verbal e visual se entrelaçam para construir a narrativa. A análise é organizada em duas categorias: memória coletiva e memória subjetiva. Ressalta-se que as imagens, os objetos e os acontecimentos históricos são tratados, por um lado, sob a perspectiva narrativa de uma criança e, por outro, como denúncia do “memoricídio” ocorrido na Colômbia entre 1948 e, no mínimo, 1985.

Palavras-Chave: Livro ilustrado infantil; Conflito armado colombiano; Memória coletiva; Infância.

ABSTRACT: This article investigates how the tragedies resulting from the Colombian armed conflict are represented by authors Jairo Buitrago and Rafael Yockteng in the illustrated children's book *Camino a casa* (2008). Initially, the study presents the concepts of collective memory, according to Maurice Halbwachs (1990), and childhood and trauma, based on Walter Benjamin (1940), outlining the theoretical framework employed. It then offers a description of the book, emphasizing how verbal and visual texts intertwine to construct the narrative. The analysis is organized into two categories: collective memory and subjective memory. It highlights how images,

objects, and historical events are approached, on one hand, through the narrative perspective of a child and, on the other, as a denunciation of the “memoricide” that took place in Colombia between 1948 and at least 1985.

Keywords: illustrated children's book; Colombian armed conflict; collective memory; childhood

1. INTRODUÇÃO

Este artigo dedica-se à análise do livro ilustrado *Camino a casa*, de autoria do escritor colombiano Jairo Buitrago e com ilustrações do peruano Rafael Yockteng, publicada em 2008 pela editora *La Orilla del Viento* e posteriormente traduzida para o português pela *Editora Pulo do Gato*, em 2012¹. A obra é estudada com o objetivo de compreender de que maneira o texto verbal e visual remete à memória da violência política que acompanha a história da colombiana desde, pelo menos, 1948 e como ela é narrada a partir da perspectiva de uma criança.

Este estudo se justifica, pois há, atualmente, um crescente interesse em rememorar a história da Colômbia para alertar as gerações futuras sobre o “memoricídio” praticado no país. Segundo afirma Gloria Gaitán no artigo “Otro 9 de abril sin verdad” publicado em *El Espectador* (2014),

la necesidad imperiosa del país de reflexionar acerca de los orígenes políticos del conflicto armado. (...), esto requiere revisar con rigor el período de 1946 a 1957, para constatar que el asesinato de Gaitán y el genocidio al Movimiento Gaitanista sigue siendo víctima del ‘memoricidio’”.

¹ Este estudo trabalha com o livro original em espanhol.

A partir deste contexto, analisa-se a livro *Camino a casa* como uma obra infantil que contribui para rememorar eventos e personagens importantes para a história colombiana. Para tanto, apresentamos o enredo, relacionando-a ao conceito de Memória Coletiva desenvolvido por Maurice Halbwachs (1990), cotejando com a narração em primeira pessoa, que implica certo grau de subjetividade. Na sequência, identificamos ao menos duas narrativas interligadas, organizando-as em duas categorias analíticas – memória coletiva e memória subjetiva — que demonstram como o livro enlaça as perspectivas em narrativas paralelas, mas que compõem o todo da história.

Um dos conceitos explorado neste artigo, e que estabelece um diálogo direto com a obra literária analisada, é o de Memória Coletiva. Essa ideia foi desenvolvida pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs em 1925, quando a introduziu pela primeira vez em sua obra *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Nesse trabalho, Halbwachs discute como a memória individual está profundamente ancorada em estruturas sociais e culturais. Para o autor, nossas lembranças não surgem de forma isolada, mas são moldadas e organizadas a partir dos chamados “quadros sociais”, ou seja, dos contextos sociais nos quais estamos inseridos.

Para Halbwachs (1990), o indivíduo que se recorda de algo é um sujeito inserido e constituído por grupos de referência. A memória, portanto, é sempre uma construção coletiva, embora envolva um esforço individual. Para compreender esse processo, é fundamental entender o papel dos grupos como base da construção da memória. Os grupos de referência, segundo o autor, são os coletivos sociais aos quais o indivíduo pertence — como a família, amigos, colegas de trabalho,

comunidades religiosas ou culturais —, que compartilham experiências e valores comuns.

Assim, a memória individual jamais é completamente subjetiva, pois é constantemente mediada pelas interações sociais, pelas normas e narrativas compartilhadas dentro desses grupos. É por meio dessas conexões que o sujeito organiza suas lembranças e atribui sentido ao passado, conforme os quadros sociais que sustentam a memória coletiva.

Halbwachs também introduz o conceito de *sementes de rememoração*, que se referem aos elementos ou estímulos que ativam o processo de recordar. Esses estímulos, chamados de imagens, podem ser lugares, palavras, objetos ou mesmo elementos abstratos que tenham um valor simbólico associado ao passado. Tais imagens atuam como catalisadores da memória dentro de um grupo social específico.

O grupo de referência, assim sendo, é aquele com o qual o sujeito compartilha uma profunda identificação e uma comunidade de pensamento. As lembranças individuais são construídas a partir da memória coletiva desse grupo. Mesmo que não esteja fisicamente presente, o grupo se manifesta na maneira como o sujeito revive experiências e formas de pensar comuns. A força dessas relações sociais intensifica as imagens que estruturam a memória, reafirmando que a lembrança individual é, antes de tudo, o resultado de um processo social.

Para Halbwachs (1990), recordar é sempre um ato coletivo, pois pressupõe uma comunidade afetiva formada pelas interações constantes entre seus membros, algo característico dos grupos de referência. É essa comunidade que possibilita ao sujeito identificar-se com a mentalidade do grupo,

resgatando o hábito e a capacidade de pensar e recordar como parte dele.

É nesse ponto que situamos a obra *Camino a casa* (2008), pois a narrativa pode ser compreendida como uma semente de rememoração, a partir da relação com o assassinato do líder político Jorge Eliécer Gaitán ocorrida em 1948 e desencadeando o *Bogotazo* e posteriormente, 1985, o violento massacre ocorrido no Palácio da Justiça.

Os autores do livro ilustrado, em nenhum momento, buscam reconstruir de forma fiel ou documental os acontecimentos traumáticos. Em vez disso, constroem uma narrativa permeada por elementos simbólicos que dialogam com memórias compartilhadas por aqueles que pertencem ao grupo social impactado por esse evento histórico e a lembrança familiar de uma menina que vivencia o trauma da ausência do pai.

Para o filósofo Walter Benjamin (1940; 2002), a infância é compreendida como uma fase marcada por uma sensibilidade particular, uma forma única de perceber o mundo, que se transforma com a chegada da maturidade. Segundo o autor, as experiências infantis são vividas de maneira intensa e menos mediadas pelas convenções e racionalizações próprias do universo adulto, o que permite uma relação diferenciada com o tempo e a memória. Benjamin (2002, p. 13) destaca que a infância é um período de imersão sensorial e afetiva, no qual o presente é vivido com plenitude e profundidade, carregando a potência de criar conexões com o passado.

Em *Infância Berlinense por Volta de 1900*, Benjamin observa como a criança enxerga o mundo através de um olhar espontâneo e sensível, livre dos filtros da razão adulta. Os espaços e objetos cotidianos, segundo ele, tornam-se impregnados de memórias e afeições, revelando a infância como uma etapa

de intensa apreensão do mundo. Essa forma de relação com a realidade possibilita um vínculo com o passado que não é linear, mas fragmentado, composto por imagens e afetos, ou seja, uma estrutura de memória que escapa aos padrões convencionais.

Outro aspecto importante da reflexão benjaminiana é a maneira como ele articula a infância com a história e a construção da memória. Em suas *Teses sobre o Conceito de História* (1940; 2002), o autor propõe que a memória não deve ser compreendida como uma linha contínua e evolutiva, mas como um conjunto de momentos intensos, resgatados em lampejos de consciência (p. 255). Essa perspectiva dialoga diretamente com o olhar infantil, que apreende o mundo por meio de fragmentos, criando relações sensíveis e não lineares com o tempo e a experiência.

A infância, portanto, para Benjamin, ultrapassa o aspecto biográfico e se apresenta como um modelo epistemológico: uma forma de conhecer e de acessar a memória que é ao mesmo tempo crítica e afetiva. Assim sendo, as ideias formuladas pelo autor oferecem um caminho singular para compreender como as lembranças da infância podem ser chaves de leitura para a história e a experiência humana.

A leitura da obra *Camino a casa* promove uma atualização da identificação da sociedade com os eventos e com suas consequências históricas, ao mesmo tempo em que contribui para reavivar o poder de pensar e recordar daqueles que permanecem ausentes, mas vivos na memória de seus familiares e que seguem em busca de justiça e reparação.

É igualmente importante compreender de que maneira os autores do livro ilustrado optam por contar essa história e quais elementos visuais e simbólicos utilizam para desencadear o processo de recordação. Para tanto, propomos, na sequência a descrição da

narrativa e, posteriormente, a análise de elementos ou fatos, dividindo-os em duas categorias analíticas: memória coletiva e memória subjetiva.

2. O QUE CONTA CAMINO A CASA

A obra *Camino a casa* (2008) apresenta, em primeira pessoa, a história de uma menina que, ao retornar da escola para casa, é acompanhada por um leão. Ele a segue, passando pelas ruas da cidade, pela creche onde ela busca seu irmãozinho, por um mercadinho do bairro, até o momento em que chegam em casa e esperam a mãe, que volta do trabalho. A princípio, a narrativa parece simples: uma menina e um leão caminhando juntos. Um enredo que se encaixa no imaginário da literatura infantil, no qual é comum a humanização de animais para gerar outros sentidos. Porém, vale uma descrição inicial tanto da palavra quando da imagem para verificar os sentidos construídos.

Na página de guarda, vemos pegadas humanas e felinas no chão, remetendo ao leão que aparece nas imagens seguintes. Esse personagem parece descer de um monumento com a inscrição “1948” gravada em metal. O leão é muito maior que a menina e que as outras pessoas. Ela segura uma flor amarela e oferece-a ao leão. Com o outro braço, abraça um livro e carrega uma bolsa transversal com outro livro ou caderno. Ela é branca, com cabelos castanhos escuros e veste uniforme escolar. Ambos parecem estar em um campo aberto, afastado da cidade que surge ao fundo, onde se nota a fumaça de uma fábrica.

A menina, narradora em primeira pessoa, convida o leão a acompanhá-la no caminho de volta para casa: “Acompáñame de vuelta a casa² (...)”. (Buitrago, 2008, s/p). Nota-se que o leão não fala apesar de a protagonista se dirigir a ele durante toda a história.

Juntos, eles se aproximam da escola, onde o leão tem o primeiro contato com outras pessoas. Sua presença provoca reações variadas: crianças que choram, gritam ou se escondem, outras que tentam se aproximar, adultos que desmaiam ou se espantam e uma das crianças com uniforme escolar fotografa o animal.

O prédio da escola tem várias rachaduras, e ao fundo, do campo de onde vieram, permanece a silhueta da estátua do leão. Completa-se a frase anterior com “(...) para tener con quién hablar y no dormirme en el camino³” (Buitrago, 2008, p. s/p).

Em seguida, eles entram em um bairro. As casas exibem rachaduras, a fumaça da fábrica persiste no horizonte, e a presença do leão continua causando alvoroço. O bairro retratado indica uma comunidade de baixa renda, localizado em um “cerro”, afastados da cidade, com ruas íngremes e estreitas e casas apinhadas e com piso duplo. A narração pontua: “El largo camino que me aleja de la ciudad⁴” (Buitrago, 2008, p. s/p), evidenciando a distância entre o bairro/periferia e o centro da cidade.

Na sequência, a menina sobe no leão para se deslocarem mais rápido que os veículos. Durante o trajeto, provocam um acidente de trânsito. A fumaça do acidente, dos veículos e da fábrica aumentam. Uma figura dentro de um ônibus continua lendo, tapando o rosto,

² Tradução nossa: “Me acompanhe de volta a casa (...)”

³ Tradução nossa: (...) para ter com quem falar e não adormecer no caminho”.

⁴ Tradução nossa: “o longo caminho que me afasta da cidade”.

indiferente ao caos ou com medo do leão (memória). Em um poste, lê-se um cartaz com o rosto de uma pessoa e a palavra “desaparecida”, além de um jornal jogado no chão. “Vayamos más rápido que todos⁵” (Buitrago, 2008, s/p), ordena a narradora.

O percurso continua até uma creche, onde a menina busca um menino — possivelmente seu irmão — enquanto o leão os espera em uma praça. Então, a protagonista diz “y espérame⁶.” (Buitrago, 2008, s/p). Os adultos continuam se assustando com a presença do leão e uma criança parece fotografá-lo atrás de uma árvore. As rachaduras nos edifícios se intensificam e há outro jornal no chão.

Os irmãos agora seguem montados no leão. A menina orienta: “entremos juntos al barrio⁷” (Buitrago, 2008, s/p). Nesta cena, mais fumaça aparece — desta vez de um caminhão de refrigerantes — e em uma placa está escrito *Venda* e uma outra menor com a inscrição: *Por León 23 de abril*.

Os três entram no mercadinho do bairro, mas a menina pontua: “(...) a la tienda donde ya no tenemos crédito⁸” (Buitrago, 2008, s/p). O leão ruge e o vendedor se assusta tanto que parece permitir que os irmãos levem os produtos gratuitamente. As ilustrações nestas páginas predominam em tons terrosos, conferindo uma atmosfera sóbria à imagem, porém há um calendário com uma imagem de verão na praia, no qual se destacam cores mais vivas e dias marcados, sugerindo a passagem do tempo.

Quando chegam em casa, a menina cozinha, mas precisa usar uma escada para

alcançar o fogão. “Come con nosotros⁹” (Buitrago, 2008, s/p), ela diz ao leão, que espera à mesa com o irmão. A casa tem poucos e desgastados móveis. A pia está quebrada, reforçando a condição econômica da família. Contudo, há outro calendário, no qual o azul do céu é vibrante, há uma praia e mar, possivelmente indicando uma lembrança marcante.

Depois de comer e já fora da casa, a menina, o leão e o menino acenam para a mãe que está cabisbaixa e com ar cansado do outro lado da rua. A fumaça continua agora saindo do escapamento do ônibus. As rachaduras nos prédios se tornam ainda mais evidentes, como se refletissem o desgaste emocional e a baixa condição econômica do bairro. O leão está de costas e já não é possível ver o seu rosto.

Em seguida, a menina diz ao leão: “puedes irte de nuevo, si quieres¹⁰” (Buitrago, 2008, s/p). Com a chegada da mãe, o leão se despede. Despedir-se novamente pode remeter a uma prática recorrente da menina ou a um desejo de que ele volte posteriormente.

Nas páginas seguintes, a família dorme junta na mesma cama. A menina está do lado esquerdo, perto de um abajur aceso. As rachaduras nas paredes são ainda mais visíveis. No chão, há uma revista ou livro com imagem de praia, remetendo aos outros dois calendários anteriormente descritos. Há uma fotografia sobre a mesa, junto à flor amarela do início da história. A menina completa: “(...) pero vuelve cuando te lo pida¹¹” (Buitrago, 2008, s/p), sugerindo que, apesar de deixá-lo

⁵ Tradução nossa: “Vamos mais rápido que todos”.

⁶ Tradução nossa: “E me espere”.

⁷ Tradução nossa: “Entremos juntos ao bairro”.

⁸ Tradução nossa: “À venda onde já não temos crédito”.

⁹ Tradução nossa: “Coma conosco”.

¹⁰ Tradução nossa: “você pode ir embora de novo, se quiser”.

¹¹ Tradução nossa: “(...) mas volte quando eu pedir”.

partir, deseja que o leão sempre volte quando ela precisar.

Na última página, há um foco na mesa de cabeceira, na qual fica bem nítida a fotografia com a menina, o irmão, a mãe e um homem loiro com cabelo volumoso, que lembra o leão. Infere-se pela aparência a relação metafórica entre o pai e o leão. A família está na praia, com um barco ao fundo. Ao lado da mesinha de luz, existe uma pilha de jornais organizados. A manchete da primeira página é: “Famílias de desaparecidos em 1985” (s/p). No encerramento do livro, as pegadas do leão transformam-se em pegadas humanas reforçando a ideia da metáfora representada na comparação entre o pai e o leão.

3. A HISTÓRIA COLOMBIANA E A MEMÓRIA COLETIVA

As imagens e os fatos sejam eles lugares, palavras, objetos ou até mesmo elementos abstratos possuem um valor simbólico atrelado ao passado. Eles funcionam como catalisadores da memória coletiva dentro de um grupo social específico, conforme proposto por Halbwachs (1990). Na obra *Camino a casa* (2008), é possível perceber que a figura do leão assume diversos significados, sempre carregando uma conotação positiva, representando carinho e afeto.

Já na capa do livro, a personagem principal aparece acenando para algo, enquanto é envolvida por um ser peludo, cuja identidade ainda não está totalmente revelada. Mesmo assim, observa-se que se trata de uma criatura de grande porte, com coloração em tons terrosos, cujo gesto expressa nitidamente uma sensação de proteção.

Na sequência da narrativa, o leão — cuja identidade é revelada — pode ser interpretado a partir da data gravada no monumento de

onde ele desce: 1948. Esse detalhe permite compreender o personagem como uma representação de memória coletiva, possivelmente simbolizando Jorge Eliécer Gaitán, que foi um político carismático, ex-prefeito de Bogotá e um defensor importante dos direitos das classes populares. Considerado um forte candidato à presidência, ele era uma das figuras mais influentes da política colombiana da época, tendo sido assassinado com três tiros ao sair de seu escritório em 9 de abril daquele ano.

Gaitán faleceu em uma clínica após ter sido socorrido. Sua esposa, Amparo Jaramillo, tomou uma atitude ousada ao retirar o corpo do hospital de forma clandestina, já que não lhe permitiam levá-lo oficialmente. Determinada, ela o transportou pela porta de serviço, embrulhado em lençóis e jornais. A família realizou o velório em casa e, depois de um intenso debate que chegou a envolver o então presidente conservador Mariano Ospina, decidiu-se que o enterro do político aconteceria ali mesmo, em sua residência.

O assassinato de Gaitán provocou uma comoção sem precedentes em todo o país, desencadeando uma onda de protestos, incêndios, saques e resultando na morte de mais de duas mil pessoas, episódio que ficou conhecido como *Bogotazo*.

Na época com apenas 10 anos, a filha do político, Gloria Gaitán, que atualmente se dedica à preservação da memória do pai e critica duramente tanto o Estado quanto a academia pela invisibilização de sua figura e história fez e faz parte da história. Talvez Gloria pode estar associada a figura da protagonista da narrativa em análise.

Outros elementos visuais e narrativos empregados pelos autores contribuem significativamente para a construção da história que pretendem narrar. Um aspecto é

que, mesmo após o leão “descer” do monumento e acompanhar a protagonista ao longo de toda a narrativa, sua silhueta permanece visível na estátua de onde teria saído. Essa duplicidade visual sugere que sua descida tem um caráter simbólico. Observa-se que a narrativa em questão é uma releitura do fato histórico colombiano: o retorno do pai ao lar. Contudo, a casa apresentada na narrativa está situada em um bairro popular, o que pode ser interpretado como uma alusão à causa defendida pelo líder, isto é, a luta pelas classes menos favorecidas.

Essa leitura simbólica do leão se fortalece ainda mais quando lembramos da fala da personagem: “acompañame de vuelta a casa”. A expressão, além de remeter ao ato literal de retornar para casa, também pode ser compreendida como uma convocação simbólica: trazer de volta todos aqueles que foram mortos ou desaparecidos ao longo da história recente do país. Nesse sentido, a frase ecoa como um clamor por justiça, já que esse assassinato, inicia o período denominado *La Violencia* na Colômbia. Neste período, o país enfrentou um conflito interno de grandes proporções, que resultou, segundo o cientista político Paul H. Oquist (1980), na morte de aproximadamente 190 mil pessoas e no deslocamento forçado de mais de dois milhões de colombianos.

Além da referência a Gaitán, como uma espécie de fechamento temporal, a obra *Camino a casa* apresenta, na cena final, uma pilha de jornais ao lado da mesinha de cabeceira da cama da família. No topo, lê-se a manchete: “Famílias de desaparecidos de 1985”.

Essa referência indica que a narrativa atravessa um intervalo histórico, indo de 1948 até 1985, ano em que houve outra tragédia na Colômbia, o “Holocausto” como foi

denominado por diversos meios de comunicação e pelo Estado. O evento teve início na manhã de 6 de novembro daquele ano, quando o grupo guerrilheiro M-19 ocupou o Palácio da Justiça, em Bogotá, mantendo todos os presentes como reféns. Pouco tempo depois, as Forças Armadas colombianas iniciaram uma operação para retomar o edifício. Essa ação foi considerada desproporcional por diversos tribunais, incluindo a Corte Interamericana de Direitos Humanos. O uso de explosivos e armamentos pesados pelo Exército resultou na morte de centenas de pessoas e na destruição do prédio.

Sabe-se que a ocupação do Palácio era prevista: magistrados da Corte já haviam recebido ameaças, e o próprio Exército possuía informações com datas sobre o possível ataque. No entanto, inexplicavelmente, o esquema de segurança reforçado não estava ativo naquela manhã. Após a retomada do edifício, os sobreviventes que o deixaram foram interrogados, e aqueles considerados suspeitos pelas Forças Armadas foram sequestrados, torturados e vítimas de desaparecimento forçado.

Neste contexto, foram documentados os desaparecimentos de onze pessoas, das quais apenas uma teve os restos mortais identificados. As demais permanecem oficialmente desaparecidas, apesar das evidências de execuções extrajudiciais e ocultação de cadáveres. Entre os casos emblemáticos está o do magistrado Carlos Horacio Urán, que sobreviveu ao ataque, foi visto saindo vivo do Palácio sob custódia militar, mas posteriormente apareceu morto, levantando suspeitas de execução por parte das autoridades. Há ainda registros de tortura praticada contra quatro visitantes do palácio.

As investigações revelaram que alguns familiares sabiam que seus entes queridos

havam sobrevivido, mas nunca mais os viram. Muitos receberam ameaças para cessarem as buscas, enquanto as autoridades negavam que os desaparecidos estivessem nos centros de tortura. Os familiares dos desaparecidos ainda seguem na luta por justiça assim como a filha de Gaitán e, por isso, a presença da família no livro em análise é tão significativa.

Embora a ausência de nomes dos personagens seja um recurso recorrente nas obras de Jairo Buitrago e Rafael Yockteng, essa supressão no caso de *Camino a casa* pode ser interpretada como uma tentativa de representar as inúmeras pessoas que foram, e continuam sendo afetadas pelas consequências dos atentados retratados, especialmente os casos de desaparecimento forçado. Ao omitir nomes próprios, os autores facilitam a identificação do leitor ou leitora com os personagens, promovendo uma conexão mais ampla e universal com a narrativa.

Essa escolha parece reforçar, mais uma vez, o diálogo com o conceito de atualização da identificação coletiva. Trata-se de uma forma de aproximar a história do público, não apenas colombiano, mas também internacional, considerando que o livro foi publicado em diversos países. Assim, a ausência de nomes contribui para uma leitura mais simbólica e abrangente, que extrapola fronteiras e se conecta com outras realidades marcadas pela violência e pela perda.

Outra possível leitura dessa estratégia seria a de proteção. Em contextos de conflito armado, os indivíduos afetados vivem sob constante vulnerabilidade. Tornar anônimos os personagens pode ser uma forma de preservar suas identidades, considerando que, em situações como essa, a exposição de nomes pode representar riscos reais de perseguição. Dessa maneira, o anonimato surge como um

gesto de cuidado e de respeito à memória das vítimas e de seus familiares.

Vale notar que outro aspecto simbólico importante é o contraste entre essa pilha de jornais, cuidadosamente guardada na casa da protagonista, e os demais jornais vistos ao longo da história, abandonados pelas ruas. Para a família, esses jornais são um arquivo precioso, uma memória que precisa ser preservada. Para outros, trata-se apenas de papéis descartáveis e de memória perdida.

A preservação da memória também é retratada nas páginas em que aparecem fotografias, eles estão presentes para registrar os acontecimentos. Uma das funções da fotografia é guardar um momento, mas como afirma Halbwachs, não seria suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um conhecimento do passado para se obter uma lembrança, seria necessário que

(...) esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade". (Halbwachs, 1990, p. 34)

Então, os personagens-fotografos reúnem sementes de rememoração que são ou serão no futuro alinhavadas como os restante da história.

4. MEMÓRIAS SUBJETIVAS

Além das imagens e fatos que são sementes de memória, a narração em primeira pessoa oferece elementos para pensar sobre

uma narrativa paralela, que trata da memória de uma menina com o pai.

Os calendários aparecem quase que como coadjuvantes da história principal, neste caso estão presentes apenas no texto visual, não há qualquer menção a eles no texto verbal. Eles aparecem duas vezes e, em ambas as ocasiões, destacam-se das demais ilustrações: cores mais vivas, cenas de pessoas desfrutando da praia em um contraste evidente com os tons terrosos e tristes do restante da narrativa. Os calendários, nesse contexto, parecem representar a necessidade de registrar e marcar o tempo tanto de uma lembrança feliz da família na praia quanto a sua possibilidade de retorno do pai, como se fosse uma lembrança que insiste em estar presente, mesmo que nos “cantos” da casa.

Ao contrário da memória de uma infância feliz, a narrativa reflete a dura realidade de muitas crianças latino-americanas de baixa renda. A menina percorre sozinha ou acompanhada de um leão/pai ausente e imaginário um trajeto que revela responsabilidades adultas: busca o irmão na creche, tenta fazer compras mesmo sem crédito no mercadinho, e ainda cozinhar o jantar, subindo em uma escada improvisada para alcançar o fogão. Essas são tarefas que ultrapassam o que socialmente se espera de uma criança protegida.

Considerando, porém, que a narrativa de *Camino a casa* remonta a uma experiência traumática, neste caso, o desaparecimento forçado de um pai. É possível recorrer aos pensamentos de Theodor Adorno (1985) e Walter Benjamin (2012) para refletir sobre a representação subjetiva dessa dor. Para ambos os autores, experiências traumáticas, como aquelas vividas em contextos de guerra e de violência política desafiam a transmissão plena da experiência humana. Como observa Adorno

(1985, p. 27), “o sofrimento perene tem tanto o direito de se expressar quanto o torturado de gritar”, indicando o quanto é difícil e, ao mesmo tempo, necessário encontrar formas de comunicar o trauma sem reduzi-lo ou silenciá-lo.

Nesse sentido, ao escolher a perspectiva infantil como ponto de vista narrativo, a obra oferece uma estratégia potente para reconfigurar a experiência traumática. Através do jogo simbólico e da imaginação, como na metáfora do pai transformado em leão, a memória dolorosa encontra uma via para ser comunicada e simbolizada. Esse gesto permite que a dor seja ressignificada e inscrita na linguagem da criança, tornando-se parte da memória e da história que precisa, ainda, ser contada

Além disso, merece destaque a fotografia presente no desfecho da história. A imagem mostra a família reunida: mãe, pai, a protagonista e seu irmão. Estão em uma praia, em um momento que remete a férias ou lazer. A partir desse ponto, torna-se mais clara a identidade simbólica do leão: possivelmente, trata-se do pai. A semelhança entre a juba do leão e o cabelo volumoso do pai reforça essa interpretação.

A fotografia também estabelece um elo com os calendários, pois compartilham o mesmo cenário praiano e uma paleta de cores mais viva, sugerindo uma memória feliz, que a protagonista deseja preservar. É uma lembrança que ela luta para manter viva, apesar do tempo que passa, simbolizado, mais uma vez, pelo calendário e da fotografia, a dor que os acontecimentos históricos impuseram à sua realidade subjetiva da menina.

Observa-se a mesma possibilidade de análise na flor amarela que a protagonista oferece ao leão e a acompanha ao longo da história até a cena final em que está pousada

na frente do porta-retrato de sua família. A flor parece carregar um forte vínculo afetivo com um passado perdido, ao mesmo tempo em que simboliza um gesto de resistência diante da adversidade. Trata-se de um dos poucos objetos que ela mantém consigo ao longo de toda a jornada, funcionando como um elo simbólico entre o que ficou para trás e aquilo que ainda está por vir. Sua presença reafirma a importância da memória afetiva e a necessidade da lembrança histórica, mesmo diante da dor, da ausência e da incerteza.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a obra ilustrada infantil *Camino a casa* (2008), de Jairo Buitrago e Rafael Yockteng. Para isso, iniciamos com uma breve contextualização do conflito armado colombiano, a fim de situar historicamente os eventos que permeiam a narrativa. Em seguida, exploramos como a obra pode ser compreendida como uma semente de rememoração, articulando-se com o conceito de Memória Coletiva, conforme proposto por Maurice Halbwachs (1990) e a ideia de infância apresentada por Benjamin (1940). Por fim, destacamos e examinamos os elementos narrativos a partir de duas categorias: memória coletiva, na qual recuperamos a história de dois momentos violentos da história colombiana: o assassinato de Gaitán (1948) e a tragédia do Palácio da Justiça (1985) e a memória subjetiva da narração em primeira pessoa, observadas, principalmente, nas cenas felizes destacadas em calendários e fotografias presentes no texto visual.

A partir da análise realizada, é possível afirmar que a narrativa se configura como uma sutil, porém potente, semente de rememoração. Através de imagens simbólicas que dialogam diretamente com a memória

coletiva, especialmente de grupos impactados pelo conflito armado colombiano. A obra constrói um espaço de evocação e reflexão. O uso do leão como figura central transcende o aspecto estético e se estabelece como recurso simbólico capaz de conectar o passado ao presente, promovendo uma leitura que convida o leitor a se identificar com essas memórias e a refletir sobre os traumas ainda presentes na sociedade.

Além disso, pela narração em primeira pessoa, tematiza os eventos traumáticos, contribuindo de forma significativa para a preservação da memória daqueles que foram silenciados pela violência e reforçando a necessidade de contrapor-se ao “memoricídio” da história colombiana.

Nesse sentido, *Camino a casa* revela-se muito mais do que uma simples obra literária destinada ao público infantil: é um território de memória, onde literatura e história se entrelaçam no texto verbal e visual. A narrativa constrói, assim, uma ponte entre passado e presente, permitindo que se vislumbre um futuro que, como nos ensina a própria obra, não pode existir sem a escuta atenta e o reconhecimento dos tempos que o precedem.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento*. Editora Schwarcz. Companhia das Letras, 1985.
- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Tradução de Jorge M. dos Santos e José Marcos Macedo. São Paulo: Ática, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.

ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1). p. 222-232.

BENJAMIN, Walter. *Infância berlinense por volta de 1900*. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BUENO, Alex Rolando et al. *Narrativas en torno al holocausto del Palacio de Justicia*. Tese de Doutorado. Pontificia Universidad Javeriana, 2021.

BUITRAGO, Jairo; YOCKTENG, Rafael. *Camino a casa*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

EGEA JIMENEZ, Carmen; SOLEDAD SUESCUN, Javier Iván. Migraciones y conflictos: El desplazamiento interno en Colombia. *Convergencia*, Toluca, v. 15, n. 47, p. 207-235, ago. 2008. Disponível: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-14352008000200008&lng=es&nrm=iso. Acessado em 08/04/2025.

“EL 9 de abril de 1948, un día funesto para Colombia”. *Rádio Nacional de Colombia*, 9 de abril de 2023. Disponível: <https://www.radionacional.co/cultura/historia-colombiana/bogotazo-9-de-abril-1948-resumen-causas-y-consecuencias>. Acessado: 24 de fev. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

“LOS CASOS del Palacio de Justicia, 25 años después”. *Legis, Ámbito Jurídico*, 5 de novembro de 2013. Disponível: <https://www.ambitojuridico.com/noticias/administrativo-y-contratacion/los-casos-del-palacio-de-justicia-25-anos-despues>. Acessado em 21/02/2025

M-19 Archivos. *Centro Nacional de Memória Histórica*. Disponível em:

<https://centrodememoriahistorica.gov.co/tag/m19/>. Acessado em 24/02/2025.

OQUIST, Paul. *Violence, conflict, and politics in Colombia*. New York: Academic Press, 1980.

“Otro 9 de abril sin verdad”. *El espectador*. 9 de abril de 2014. Acessado em 22/04/2025: <https://www.elspectador.com/bogota/otro-9-de-abril-sin-verdad-article-485782>